



Nas ondas da Antena 23: a rádio escola e suas interferências na formação dos alunos do Colégio de Aplicação João XXII¹

Laís CARIAS²
Marina CILIÃO³
Aline MAIA⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O presente artigo é um recorte de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação defendido em dezembro de 2012. Buscamos identificar as interferências provocadas pela rádio escola do Colégio de Aplicação João XXIII na formação dos alunos do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. Para essa análise, buscamos explorar conceitos relacionados ao tema, como: participação, cidadania e educomunicação. Em busca de um resultado satisfatório, desenvolvemos, também, um projeto na rádio escola a fim de verificar como a educação, atrelada à comunicação, pode contribuir para a cidadania.

Palavras-Chave

Cidadania; Educomunicação; Rádio.

1. Introdução

Os estudos na área da Educomunicação vêm adquirindo cada vez mais notoriedade, tanto no âmbito das pesquisas acadêmicas quanto em projetos desenvolvidos nas escolas. Nas salas de aula, os veículos de comunicação, usados para fins educativos, ajudam a proporcionar um conhecimento que vai além das páginas dos livros didáticos.

A união entre a Comunicação e a Educação se faz importante, sobretudo, por ser potencial agente de cidadania, representando um espaço de participação efetiva, onde o conhecimento ocorre de maneira não hierarquizada. Nesse ambiente protagonizado pelos alunos, a troca de experiência contribui para o desenvolvimento de um ser humano mais crítico, bem como para a re-elaboração de conhecimentos já adquiridos.

Neste artigo, apresentamos um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação intitulado Nas ondas da Antena 23: A Rádio Escola e suas Interferências na Formação dos Alunos do Colégio de Aplicação João XXIII, realizado por Marina Cilião e Laís Carias, e orientado pela professora Aline Maia. Percebendo a importância e as

¹Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

²Bacharel em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. laiscarias@yahoo.com.br

³Bacharel em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. marinacilio@hotmail.com

⁴Orientadora do trabalho. Professora substituta da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bacharel e mestre em Comunicação pela UFJF. ninemaia@hotmail.com



potencialidades do campo da Educomunicação, traçamos uma análise das possibilidades educativas e de comunicação existentes no projeto da rádio escola do Colégio de Aplicação João XXIII, em Juiz de Fora.

Buscamos identificar as interferências provocadas pela rádio escola na formação dos alunos do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. Focamos na realização do projeto com os alunos do período da tarde, de 7 a 11anos, por acreditarmos que as noções de cidadania, participação e busca pelo conhecimento devem ser exercidas desde o início do processo educativo.

Após revisão bibliográfica acerca dos temas abordados e de pesquisa participante no Colégio, vislumbramos a rádio escola como eficaz veículo de comunicação que, no ambiente escolar, agrega às atividades desenvolvidas dinamismo e pluralidade na maneira de transmitir conhecimento.

2. Onde Comunicação, Educação e Cidadania se encontram

O processo de conhecimento é uma atividade contínua na vida de todos os indivíduos, seja nas escolas, no ambiente familiar, nas igrejas, nas viagens, no trabalho, enfim, em toda e qualquer relação dialógica. Essa interação que acontece, muitas vezes, de forma espontânea, pode agregar e transformar tudo aquilo que adquirimos ao longo de nossa existência, ou seja, a nossa bagagem cultural.

Assim como esses espaços, os veículos de comunicação também podem atuar no processo de educação informal, difundindo conhecimentos, ideias e culturas através de suas programações. Porém, vale ressaltar que a mídia atual nos oferece, pelo menos, duas vertentes comunicacionais: a primeira delas representada pela mídia comercial, que necessariamente não desperta no espectador a reflexão dos fatos; e a segunda se configura através da comunicação comunitária, que prima pela informação horizontal proporcionando um diálogo entre as partes. “Dessa forma, os indivíduos constituem uma formação reflexiva e não imposta. Como os meios, em geral, não proporcionam tal reflexão do conteúdo exposto pela mídia e tampouco a participação direta na elaboração de uma mensagem, a comunicação comunitária, por intermédio das rádios, pode ser um espaço para esse exercício” (LAHNI et al,2009, p.11).

Neste viés, a comunicação comunitária, se comparada aos outros meios de comunicação, proporciona um modelo educacional mais efetivo, visto que desperta em seu público uma reflexão crítica sobre a realidade. No campo da educação, o filósofo social Paulo Freire (1978) refletiu sobre um método de alfabetização na educação



escolar de adultos. Em seu estudo, Freire critica a forma convencional de educação que é estimulada pela classe dominante, e propõe uma educação de caráter libertador. “A ação cultural para a libertação e a revolução cultural implicam na comunhão entre os líderes e as massas populares, como sujeitos da transformação da realidade” (FREIRE, 1978, p.85).

Em sua obra, *Ação cultural para a liberdade*, Paulo Freire discorre sobre a forma mais comum de educação escolar: educação “domesticadora”. Nessa estrutura, o educador apenas transmite para o educando o conhecimento que ele julga ser relevante, seguindo um roteiro pré-estabelecido pelas cartilhas. Dessa forma, os alunos são tratados como seres passivos que devem apenas absorver o conhecimento.

As cartilhas, por boas que sejam, do ponto de vista metodológico ou sociológico, não podem escapar, porém, à uma espécie de “pecado original”, enquanto são instrumento através do qual se vão “depositando” as palavras do educador, como também seus textos, nos alfabetizados. E por limitar-lhes o poder de expressão, de criatividade, são instrumentos domesticadores (FREIRE, 1978, p.14).

Propondo uma mudança através da ideia de educação “libertadora”, Paulo Freire entende que a educação, mais do que um processo descritivo, deve incitar tanto nos educandos quanto nos educadores a conscientização da realidade. Logo, o conhecimento atuaria como um agente transformador na sociedade: o educando passa de agente passivo a agente reflexivo.

Mário Kaplún (1998), em sua obra *Uma Pedagogia da Comunicação*, conceitua a educação libertadora como um método com ênfase no processo. Segundo o autor, esse modelo surgiu na América Latina, mas recebeu contribuições de pedagogos e sociólogos europeus e norte-americanos. Sua principal característica está na permanente elaboração, criação e troca de conhecimento entre os indivíduos que participam da comunicação horizontal. “Ya no se trata, pues, de una educación para informar (y aún menos para conformar comportamientos) sino que busca FORMAR a las personas y llevarlas a TRANSFORMAR su realidad” (KAPLÚN, 1998, p.49).

Para Kaplún, a exemplo da educação libertadora, as mensagens produzidas pelos veículos de comunicação também devem valorizar a participação e conhecer os anseios dos grupos sociais aos quais elas se destinam. A essa técnica o autor nomeou de pré-alimentação, que é uma introdução da comunicação educativa ou pedagógica, na qual os meios de comunicação buscam aproximar suas mensagens dos destinatários a fim de representá-los. Com isso, a antiga estrutura verticalizada da comunicação (em que o



emissor transmite uma mensagem a um receptor que apenas a absorve) não pode ser compreendida como um processo de pré-alimentação.

El esquema clásico “emisor-mensaje-receptor” nos acostumbró a poner al emisor *al inicio* del proceso comunicativo, como el que determina los contenidos del mismo y las ideas que quiere comunicar; en tanto el destinatario está *al final*, como receptor, recibiendo el mensaje. Los equipos anteriormente citados, de hecho, han cambiado este esquema. Su experiencia nos enseña que, si se desea comenzar un real proceso de comunicación, el primer paso debiera consistir en poner al destinatario, no solo al final del esquema, sino también *al principio*: originando los mensajes, inspirándolos; como fuente de prealimentación (KAPLÚN, 1998, p.79).

O autor defende uma educação voltada para a comunicação (ou vice-versa) onde o conhecimento depende da interação e troca de experiências entre os indivíduos. Os veículos de comunicação usados dentro das salas de aula como ferramenta de propagação de ações reflexivas proporcionam, aos alunos, uma análise crítica do discurso das mídias. Kaplún exemplifica as transformações que as práticas chamadas educacionais provocam nos educandos: os alunos que têm contato com câmeras de vídeo percebem que um simples enquadramento pode alterar uma realidade, por exemplo.

A partir de esa experiencia, los educandos ya no recibirán las representaciones televisivas con la misma mirada desprevenida e ingenua; dejarán de creer en la presunta objetividad y neutralidad de las imágenes; el medio, en fin, así desmitificado se despojará de su fascinación. Los receptores se tornan más autónomos en la medida en que ellos mismos ejercen y practican el acto emisor (KAPLÚN, 1998, p.221).

Assim a educação se configura num ambiente de inter-relação da comunicação com a educação, propondo não apenas a inserção das tecnologias de comunicação no ambiente escolar (como podemos notar em algumas instituições que utilizam aparelhos de TV, vídeo, computadores, apenas como um suporte para a prática do ensino). Mas, também, atua como ferramenta de conhecimento, uma vez que busca desenvolver nos alunos um senso crítico, a fim de contribuir para a desmistificação de valores impostos pela mídia comercial.

Assim como na comunicação comunitária a educação também se desenvolve em um ambiente de relações horizontais. O poder e as decisões não se concentram apenas nas mãos de um indivíduo, tudo é pensado e realizado em conjunto reforçando as práticas dialógicas entre os membros de uma comunidade.

A Educação propõe a credulidade no ser humano, seu permanente embate e encontro com o outro. A alteridade é o substrato constitutivo da educação, que visa relações sociais mais humanizadas, acredita na



transformação do indivíduo e da sociedade, na descoberta de novos caminhos para resolução colaborativa de problemas e, sobretudo na criação inovadora de olhares diferenciados sobre o cotidiano (SCHAUN, 2002, p.82).

Entre as práticas educomunicativas, a rádio escola se apresenta como um veículo de comunicação que agrega as possibilidades de interação e intervenção sociais, educativas e políticas. Nesse ambiente de inter-relação da comunicação e educação, os jovens se veem protagonistas no processo de produção e divulgação de informação, além de terem a oportunidade de trocar conhecimentos. Essas possibilidades nem sempre acontecem dentro das salas de aula, onde comumente encontramos relações verticalizadas: a figura do professor representa a “autoridade” detentora dos saberes, e os alunos assumem os postos de personagens passivos que têm como responsabilidade apenas absorver o conteúdo transmitido nas aulas.

Com o intuito de reduzir as relações hierarquizadas comuns no ambiente escolar, as rádios escolas despontam no espaço educativo como uma alternativa de integração e conhecimento. Numa época em que a mídia comercial está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, os veículos comunitários surgem com a finalidade de promover o conhecimento voltado para a cidadania. Para Elizabeth Gonçalves e Adriana Azevedo (2004), a rádio escola é uma opção que aproxima a comunidade escolar e a sociedade. “A escola, que ao longo dos tempos se distanciou da vida cotidiana, busca hoje diminuir estas distâncias e é neste sentido que o uso do rádio na educação vem contribuir, ou seja, preencher a lacuna formada entre sociedade e escola, desenvolvendo competências e habilidades” (2004, p.2).

As rádios escolas, assim como as rádios comunitárias, promovem a educação através de práticas que envolvem a participação de toda a comunidade. Os alunos inseridos nesse processo comunitário têm a oportunidade de formar e transformar saberes, pois são protagonistas das práticas educomunicativas. São eles os agentes construtores da realidade em que vivem, transmitindo à comunidade escolar sua visão de mundo e convidando a mesma a interagir e refletir sobre o seu papel cidadão.

O rádio na escola reforça um modelo comunicacional horizontal, democrático e participativo, na medida em que seus agentes de transformação são sujeitos. E é na prática interativa e co-participativa do diálogo que o rádio ocupa espaço no universo comunitário escolar e extra-escolar. No processo que envolve comunicação popular, alternativa ou comunitária, mais importante que a produção que se faz a partir do uso dos meios são as relações que os sujeitos/atores sociais estabelecem nesse processo de construção. O diálogo, o comunicar, o expressar livre de ideias, as formas de participação, a inclusão dos elementos e a valorização das identidades e culturas são elementos



significativos e expressivos nesse processo (GONÇALVES E AZEVEDO, 2004, p.4).

3. Rádio Antena 23: a experiência no Colégio de Aplicação João XXIII

A rádio Antena 23 é um projeto de educomunicação desenvolvido desde 2007 no Colégio de Aplicação João XXIII, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Funciona sempre nos intervalos, em dois turnos: pela manhã, às terças, quintas e sextas-feiras, de 9h40 às 10h; e à tarde, às terças e sextas-feiras, das 15h15 às 15h45. O período matutino é composto por alunos do ensino fundamental (6º ao 9º ano) e do ensino médio. Já na parte da tarde, as aulas são destinadas aos alunos do ensino fundamental do 1º ao 5º ano.

Ao iniciarmos nosso trabalho, tivemos contato com o professor responsável pela rádio escola, Paulo Henrique Goliath. Nesse momento, em setembro de 2011, ele nos informou que a rádio estava sem bolsista e que, portanto, não estava funcionando. Logo, uma de nós, Lais Carias, se propôs a ser a nova bolsista. Assim, demos início a uma pesquisa participante. Segundo Peruzzo (2003), nessa metodologia, o pesquisador precisa estar inserido no grupo pesquisado: participando das atividades, observando e interagindo.

Para obtermos o retorno, o *feedback* do trabalho que estávamos desenvolvendo junto com os alunos, optamos por realizar rodas de conversa nos três últimos programas. A metodologia foi realizada com, aproximadamente, quinze estudantes que, em formato de círculo, expunham suas opiniões. Nessas conversas nós conseguimos captar um pouco mais da visão das crianças a respeito da rádio escola. Foram realizados oito programas, entre outubro e novembro de 2011, dos quais participamos e analisamos.

Às quinze horas e quinze minutos o sinal toca. É hora do recreio. Os corredores do Colégio de Aplicação João XXIII começam a ser tomados pelos alunos do ensino fundamental. No Departamento 32, onde fica a Rádio Antena 23, aparecem os primeiros “rostinhos” curiosos e, ao abrirmos a porta, a primeira indagação foi: “Vai ter soletrando hoje?”.

Começou assim o nosso primeiro dia na rádio escola. Nesse encontro que aconteceu no dia 7 de outubro de 2011, aproveitamos para nos apresentar e conversar com os alunos sobre os possíveis quadros que iriam compor a programação. Deixamos claro que estávamos desenvolvendo um projeto de conclusão de curso sobre a Rádio Antena 23 e que contávamos com a participação deles. Outro ponto importante que



discutimos foi a coletividade da rádio escola, mostrando que o espaço era deles e para eles, por isso mudanças e questionamentos poderiam sempre ser feitos.

Demos a oportunidade para que eles apresentassem propostas e dessem suas opiniões. Observamos então que o quadro “Soletando” deveria estar presente em todos os programas, já que era a preferência da grande maioria dos alunos. O “Soletando” da Rádio Antena 23 é uma adaptação da atração do programa Caldeirão do Huck, exibido aos sábados na Rede Globo. Na rádio escola os alunos se dividem entre os que vão apresentar as palavras e os que vão soletrar. As palavras são escolhidas de acordo com o tema do dia ou da semana. O aluno soletra a palavra sorteada e o apresentador informa se está correto ou não. Em caso de erro, o apresentador soletra a palavra corretamente.

Durante a reunião, um dos estudantes questionou a possibilidade de realizarmos também um Karaokê diferente: colocávamos a música e, de repente, parávamos a canção para que eles continuassem. A proposta foi aceita pela maioria dos alunos. Depois de um breve silêncio, nós perguntamos se eles gostavam de gincanas, todos se entusiasmaram, então ficamos de realizar algumas brincadeiras educativas de perguntas e respostas. Ficou combinado que o conteúdo da gincana poderia ser tanto conhecimentos gerais, quanto assuntos relacionados a determinada data comemorativa.

Outra atividade que atraiu a atenção dos alunos foi a realização de entrevistas sobre diferentes temas. Durante os programas, as crianças tiveram a oportunidade de interrogar profissionais da cidade. As perguntas eram elaboradas por nós, pelos alunos e, às vezes, os estudantes também contavam com o auxílio dos pais.

Conversando com os estudantes, explicamos a importância da participação de cada um, a começar pela apresentação dos programas. Diferente da forma como eram realizados de abril a julho de 2011, os programas agora contariam com a locução dos próprios alunos. De dois a quatro estudantes se revezariam na apresentação, enquanto os outros participariam das demais atividades. A cada programa, os apresentadores seriam trocados, para que todos tivessem a chance de participar.

Na semana seguinte, que se estendeu de 10 a 14 de outubro de 2011, os alunos não tiveram aula devido às comemorações do Dia das Crianças e dos Professores. Então, retomamos as atividades no dia 18, uma terça-feira. Como a escola havia preparado uma programação para comemorar o Dia das Crianças, optamos por fazer o primeiro programa dessa semana voltado para esta data.

Foram realizados quadros mais recreativos, porém com cunho educativo. No primeiro quadro foi desenvolvido um jogo de perguntas e respostas, por nós elaboradas,



sobre conhecimentos gerais. Durante a gincana, um fato nos chamou a atenção: quando questionada sobre quais as cores presentes na bandeira do Brasil, uma aluna disse que não saberia responder. Porém, depois do incentivo recebido pelos colegas, a mesma aluna, após algum tempo de reflexão, respondeu de forma correta.

O segundo quadro foi o “Soletrando” especial do dia das crianças relacionado à data festiva e dedicada a elas. Na ocasião foi pedido que os alunos, além de soletrar, falassem o significado da palavra, para que os mesmos pudessem se expressar de forma mais espontânea.

Em vários momentos pudemos perceber o espírito da coletividade e união presente no ambiente da rádio escola. Apesar de propormos gincanas, que poderiam reportar a atividades competitivas e individualistas, os alunos se mostraram totalmente solidários uns aos outros. No quadro Soletrando, por exemplo, os estudantes ajudam o participante que está soletrando, “soprando” as letras e os acentos.

No final do programa, reunimos os alunos e entregamos um material feito pela Secretaria de Transporte e Trânsito de Juiz de Fora (Settra) sobre educação no trânsito. Em seguida, pedimos para que eles, além de lerem o jornal, também trouxessem suas dúvidas a respeito do trânsito, uma vez que nos comprometemos a proporcionar uma entrevista com um agente de trânsito da Settra.

No terceiro programa, no dia 21 de outubro de 2011, realizamos uma atividade proposta pelos próprios alunos: o karaokê. Colocávamos as músicas mais pedidas na rádio e, em um certo momento, parávamos a canção para que eles continuassem. Para a nossa surpresa, o quadro foi um sucesso, o estúdio da rádio ficou repleto de crianças. Pelo vidro, alunos, professores e bolsistas observavam o entusiasmo e alegria dos estudantes. No final do programa, foi realizado um “soletrando” especial dos jogos Pan-americanos do México, no qual as palavras eram modalidades esportivas.

Neste dia, alguns fatos em especial nos chamaram a atenção: uma aluna da segunda série, que sempre se mostrou interessada em participar, nos trouxe algumas perguntas sobre trânsito que havia feito juntamente com seu pai, que é motorista. E, quando fechamos a rádio, duas estudantes do quinto ano pediram para participar do próximo programa, enquanto outras vieram nos pedir um exemplar do material da Settra. Elas disseram que viram as amigas lendo e também queriam se interar do assunto. Vimos, nesse momento, que a rádio escola pode proporcionar um diálogo entre os alunos e, ainda, ultrapassar os limites dos portões da escola chegando à residência de cada família, ampliando a participação dos pais dentro do ambiente escolar. Neste



aspecto, vislumbramos na prática a participação como um ato natural ao ser humano, conforme pontua Bodernave: “Se procurarmos a motivação dos participantes de uma atividade comunitária qualquer, notaremos neles uma satisfação pessoal e íntima que com frequência vai muito além dos resultados úteis de sua participação” (BODERNAVE, 1992, p. 14).

No dia 25 de outubro de 2011 é comemorado o Dia do Dentista e da Saúde Bucal. Então, aproveitamos a data para realizarmos uma entrevista (gravada) com a dentista Viviane de Oliveira. Fizemos algumas perguntas por telefone, editamos as sonoras e elaboramos o roteiro com as deixas para as respostas. Nesse dia, o programa foi apresentado pelas duas alunas do quinto ano. Para garantir que os estudantes iriam prestar atenção nas respostas, fizemos uma gincana com perguntas dos temas que a dentista havia abordado. Quando a brincadeira começou, os alunos estavam com a resposta na “ponta da língua”.

Assim como a gincana, o Soletrando também contou com algumas palavras que faziam referência ao que eles haviam escutado. Nesse momento a sala da rádio escola estava repleta de “carinhas” novas. Uma aluna que sempre acompanhava as transmissões pelo vidro resolveu abandonar a timidez e participar. Foi o que fez também outra garota, de apenas sete anos, que se aproximou de nós e perguntou como ela poderia participar. Vivenciar esta experiência nos remeteu, mais uma vez, aos pressupostos de Bordenave. Pois, a programa na rádio escola, testemunhávamos que “a participação é uma vivência coletiva e não individual, de modo que somente se pode aprender na práxis grupal. Parece que só se aprende a participar, participando” (BORDERNAVE, 1992, p. 74).

Quando o sinal tocou, os alunos, como de costume, despediram e mandaram beijos para seus colegas. Nós entregamos a eles mini pastas de dente, que conseguimos com a dentista Viviane de Oliveira, para incentivá-los a escovar os dentes dentro da escola após o recreio.

No final do programa, entrou na rádio a funcionária da coordenação, Maria Conceição N. da Silva, parabenizando o trabalho realizado pelos alunos e contando que foi uma surpresa saber que naquela data era comemorado o Dia do Dentista. Ela disse ainda que na mesma hora pegou o celular e ligou para sua dentista dando parabéns. Nesse momento, percebemos que a rádio estava expandindo suas fronteiras... Além de alunos e seus pais, professores e funcionários também já estavam envolvidos,



estendendo inclusive aos seus parentes e amigos aquilo que saía dos microfones da Antena 23.

Na sexta-feira, 28 de outubro de 2011, o programa foi voltado para o Dia Internacional do Animador. Elaboramos o roteiro a fim de explicar o que é e o que faz um profissional da animação gráfica. Realizamos também uma gincana e o soletrando com perguntas relacionadas ao tema do dia. Durante o programa, uma menina nos chamou pedindo que cedêssemos um espaço para que suas amigas pudessem cantar uma música composta por elas. Assim que a gincana terminou as amigas assumiram os microfones e cantaram duas canções. Nesse momento, percebemos que os alunos já estavam tomando consciência de que a rádio é um espaço deles, aberto a qualquer tipo de manifestação artística e cultural. Depois que as estudantes se apresentaram, conversamos com a turma e decidimos que, no próximo programa, iríamos fazer uma entrevista com elas para saber de onde surgiu a inspiração. Afinal, conforme Peruzzo (2007), os veículos comunitários têm a finalidade de “dar espaço para a difusão da criatividade popular como, por exemplo, a música, peças teatrais e outras formas de produção artística, científica e técnica geradas na própria ‘comunidade’” (2007, p.9).

No primeiro dia de novembro de 2011, realizamos um programa focado na entrevista com as meninas do terceiro ano que compuseram as canções. Fizemos três perguntas e deixamos que as crianças continuassem indagando as alunas. A entrevista fluiu bem e, ao final, as meninas cantaram outra canção que escreveram. O Soletrando deste dia foi composto por palavras que faziam referência à entrevista com as talentosas alunas.

Na sexta-feira, 4 de novembro de 2011, a supervisora de educação para o trânsito da Settra, Renata Furtado, foi ao programa esclarecer dúvidas sobre o tema. Ela respondeu perguntas sobre segurança, educação e melhorias no trânsito da cidade. A entrevista foi muito produtiva. Renata transmitiu a mensagem de maneira clara, didática e objetiva, fazendo com que os alunos interagissem com o tema abordado. No final, ela entregou materiais educativos produzidos pela Settra. O Soletrando foi composto por palavras relacionadas à temática.

No último programa do período analisado, no dia 8 de novembro de 2011, foi realizada uma gincana de perguntas e respostas sobre conhecimentos gerais. Aproveitamos para relembrar algumas informações transmitidas, no programa anterior, durante a entrevista sobre o trânsito, através de perguntas na gincana. Em seguida, fizemos o soletrando com a temática voltada para o ambiente escolar. Antes de começar



o programa, os alunos perguntaram se também receberiam visitas naquele dia, uma vez que eles gostaram da atividade de entrevista desenvolvida no programa anterior. Logo, a bolsista Lais Carias se comprometeu a levar, sempre que possível, um entrevistado para o programa, pedindo para que os alunos também sugerissem entrevistados.

Nos três últimos programas, 1, 4 e 8 de novembro, desenvolvemos, com os alunos, a metodologia das rodas de conversa. Nesses momentos, pudemos tomar conhecimento da visão que os estudantes tinham da rádio escola. Durante essas conversas as crianças tinham, mais uma vez, a oportunidade de expor suas opiniões, críticas e anseios a respeito das atividades desenvolvidas na rádio. Percebemos que as interferências do projeto não se limitavam apenas ao ambiente escolar, já que alguns alunos compartilhavam com seus pais as experiências que vivenciavam na rádio.

4. Considerações finais

Durante um mês, tivemos a oportunidade de conviver com crianças de idades diferentes e realidades distintas, dentro de um ambiente de relações horizontais, onde a diversidade é valorizada. Esta experiência foi importante para enriquecer nosso estudo. Através da participação nos programas realizados na rádio Antena 23, pudemos perceber o universo de possibilidades educativas e, também, as fragilidades observadas no projeto do Colégio.

Para compreender esse ambiente protagonizado pelos alunos, a pesquisa participante foi uma ferramenta significativa, já que nos possibilitou acompanhar e auxiliar as atividades realizadas na rádio escola. Já as rodas de conversa nos permitiram ter o conhecimento das opiniões e anseios do grupo.

Observamos que a Rádio Antena 23, enquanto ferramenta de educomunicação, cumpre satisfatoriamente seu papel de promover a educação, a cidadania e a participação dos estudantes. No decorrer dos programas, testemunhamos, a cada dia, o crescimento do número de alunos interessados em compartilhar aquele espaço de ação, onde educação e comunicação encontram-se. Melhor: as atividades desenvolvidas dentro da rádio nem sempre se limitavam àquele espaço, mas as experiências passaram a ser compartilhadas com outros colegas de sala além de familiares.

Ao longo do nosso trabalho, notamos a evolução no que se refere à participação, organização e comprometimento dos alunos. Na medida em que eram propostas novas atividades, aumentava, ainda mais, o número de participantes. Dessa forma, os alunos aprenderam a compartilhar aquele espaço, percebendo que era importante não só ceder a



vez, mas também estimular a participação dos colegas. Diversas vezes fomos abordadas pelas crianças que nos indagavam se “poderiam convidar os amigos para frequentar a rádio”.

Nesse ambiente de atividades desenvolvidas em grupo, a organização é fundamental para o bom andamento do trabalho. Nos primeiros programas observados havia uma dificuldade em manter os alunos organizados. Com o tempo, eles foram percebendo a necessidade de “fazer fila” e silêncio durante a programação. Esse comportamento pôde ser notado, principalmente, durante as entrevistas que foram realizadas. A grande maioria dos alunos permaneceu em silêncio e prestou atenção nas informações que eram transmitidas.

Em uma das rodas de conversas realizadas com os alunos, perguntamos o que eles haviam aprendido na entrevista com a supervisora de educação para o trânsito da Setra, Renata Furtado. Eles logo responderam que não se deve ultrapassar o sinal vermelho. Alguns deles, inclusive, transmitiram a mensagem aos pais e nos relataram que, no trânsito, muitas vezes, os pais eram imprudentes e avançavam o sinal vermelho. Uma menina de sete anos nos surpreendeu ao dar seu depoimento: ela achou interessante saber que o bom andamento do trânsito não depende apenas do agente de trânsito, mas que ele necessita da colaboração das pessoas que estão envolvidas no processo, ou seja, pedestres e motoristas.

Outro fator observado foi o comprometimento dos alunos com a rádio escola. Apesar da maioria dos participantes terem entre sete e nove anos, todas as vezes em que se dispuseram a apresentar os programas, os estudantes compareceram ao estúdio na hora marcada. Um outro exemplo desse comprometimento foi observado, e já citado anteriormente, quando uma aluna de oito anos nos entregou as perguntas que havia feito com o pai a respeito do trânsito.

Nas rodas de conversa outros pontos foram questionados a respeito da rádio. Os alunos disseram gostar de participar dos programas e apresentá-los, afirmando que o recreio é bem mais “divertido” com a rádio. Quando perguntamos quais os quadros preferidos, eles responderam que gostavam do Soletrando, porque eles aprendem a escrever as palavras de forma correta, e das entrevistas, pelo fato deles terem a oportunidade de entrevistar os convidados. Uma aluna de nove anos nos contou que quando errava uma palavra no Soletrando, ela prestava ainda mais atenção na aula de português para não cometer novamente o engano.



Durante as rodas de conversa, percebemos que as atividades desenvolvidas na rádio escola ultrapassavam as paredes do estúdio. Os alunos comentavam com seus colegas sobre os programas e os chamavam para participar. Em casa, as crianças também compartilhavam as experiências vividas na rádio Antena 23 e, segundo relatos das mesmas, os pais apoiavam e elogiavam a participação deles.

Refletindo sobre as experiências que vivemos na Antena 23, identificamos na prática os aspectos teóricos que elencamos a partir da bibliografia que pesquisamos: todas as atividades realizadas na rádio escola contribuem, de alguma forma, para o desenvolvimento do conhecimento, da oralidade, da participação e da cidadania a partir do momento em que os alunos-protagonistas reconhecem nesta ferramenta de comunicação e educação um instrumento da e para a comunidade escolar. A Antena 23 é o espaço onde os estudantes, professores, funcionários e quem mais se interessar podem aprender, ensinar e compartilhar.

Tendo em vista os benefícios já observados, acreditamos que é possível ampliar o alcance e as potencialidades do projeto de educomunicação do Colégio de Aplicação João XXIII. A participação dos professores poderia ser menos tímida. A própria diretora de ensino, Andréa Vassalo, concorda que alguns docentes ainda exploram pouco a ferramenta de comunicação e educação. Acreditamos que a presença de um profissional educador, coordenando as atividades da rádio escola, seria eficaz para estimular a participação dos educadores, além de orientar os bolsistas do projeto.

Outro aspecto que poder ser melhorado na rádio escola são os equipamentos utilizados para a transmissão dos programas. Os aparelhos são os mesmos desde a implantação da rádio e, muitos deles, já apresentam problemas. Os microfones, o computador e os alto-falantes já não fazem frente às necessidades do veículo: o primeiro está com mal contato e, por vezes, não funciona; o segundo, está bastante danificado devido a grande quantidade de vírus e a falta de internet; já os alto-falantes não apresentam uma acústica excelente. Segundo o coordenador da Antena 23, Paulo Goliath, novos equipamentos já foram solicitados à direção do Colégio.

Mas, ainda assim, estas questões pontuais – que podem ser resolvidas a seu tempo – não invalidam os ganhos observados na formação dos alunos que participam da Antena 23. A educação atrelada à comunicação é, efetivamente, um campo com grande potencial na formação dos cidadãos à medida que busca desenvolver o senso crítico no indivíduo. A permanente elaboração, criação e troca de conhecimento entre indivíduos que participam de uma comunidade onde a comunicação é horizontal leva o cidadão a



experimentalmente a possibilidade de transformar sua realidade, como já postulou Kaplún e nós concordamos.

Reconhecemos que nosso trabalho é uma abordagem inicial que mostra o imenso leque de possibilidades da rádio escola do Colégio de Aplicação João XXIII. Plantamos a semente da participação nos alunos para que eles busquem outras formas de conhecimento, desenvolvendo práticas de cidadania a cada programa, mostrando que a rádio não foi feita apenas para o entretenimento, mas, também, para educar, como já idealizava Roquette Pinto. Esperamos que nossos pequenos jardineiros saibam cultivar esta semente e que os donos do jardim forneçam, sempre, o adubo necessário para garantir a florescência.

Referências bibliográficas

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é participação**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade** – e outros escritos. 3. Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; AZEVEDO, Adriana Barroso de. **O rádio na escola como instrumento de cidadania**: uma análise do discurso da criança envolvida no processo. Disponível em: <www.metodista.br/unesco/gcsb/index.htm>. Acesso em: 06 nov. 2011.

KAPLÚN, Mario. **Una Pedagogia de La Comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.

LAHNI, Cláudia Regina et al. Aportes teóricos para um estudo sobre a participação na comunicação. In: _____. **Identidades Midiáticas**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009. p. 11-24.

PERUZZO, Cicilia. Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos. In: **INTERCOM**, 2003, Belo Horizonte.

_____. Rádio Comunitária, educomunicação e desenvolvimento local. In: _____. **O retorno da comunidade**: Os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 69-94.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação**: Reflexões e princípios. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.